

Foi o Dia D, promovido pelo Ministério da Educação. Os resultados chegarão a Sarney no próximo 12 de outubro.

O Brasil inteiro participou do Dia do Debate Nacional sobre Educação. A mobilização em torno do dia D atingiu as estimativas do Ministério da Educação, que relatou, no final do dia, que cerca de 20 milhões de pessoas participaram dos debates sobre a situação do sistema educacional no País. De 191.600 estabelecimentos de ensino, 130 mil participaram e-fetivamente da mobilização.

— Antes, estávamos acostumados a falar. Agora, sentimos que o Brasil quer falar e acredito que, a partir desta intensa participação, seja possível construir a escola que queremos — afirmou Aloísio Sotero, secretário de ensino de 1º e 2º graus do ministério, ao fazer um balanço da movimentação em todo o País.

O ministério recebeu, a partir das 7h30, em média, um telefonema por minuto, através dos seis aparelhos instalados com a única finalidade de receber sugestões do País todo. E elas vieram: a comunidade pede desde a volta ao ensino tradicional até a extinção do chamado "dever de casa". Todos, sem exceção, reivindicam melhoria da qualidade de ensino.

Os números que chegaram a Brasília mostram a mobilização que atingiu desde a menor unidade federada, Território de Fernando de Noronha — onde há apenas uma escola, com 400 alunos —, até São Paulo, que mobilizou cinco milhões de estudantes em 16.390 colégios de 572 municípios. Amanhã começa a levantamento das sugestões e propostas de cada escola, pelas secretarias estaduais e municipais de Educação. No dia 12 de outubro, todos os secretários e representantes de entidades envolvidas no dia D virão a Brasília entregar os relatórios ao presidente da República.

### Alunos e professores

Em São Paulo, em todas as cinco mil escolas da rede, os debates do Dia D da Educação começaram logo pela manhã.

Também as 555 escolas da prefeitura paralisaram suas atividades

normais para o Dia Nacional do Debate e Mobilização pela Educação. A secretária municipal, Guiomar Namó de Melo, e o prefeito, Mário Covas, estiveram pela manhã na Escola Municipal de 1º grau Paulo Duarte, localizada no conjunto habitacional "Teotônio Vilela", no Jardim Sapopemba, zona Leste da cidade.

Divididos em séries, os 2.300 alunos da Paulo Duarte fizeram, durante todo o dia, dramatizações e debates sobre a Constituição, e colagens e poesias apresentando estudos sobre a evasão escolar, a repetência, normas disciplinares, aproveitamento escolar e frequência.

### Constituinte

A secretária municipal da Educação disse que este dia "representa mais uma etapa no processo de discussão sobre o papel da escola pública de 1º grau", que começou no início de sua gestão com os encontros de educadores realizados várias vezes por ano. Ela destacou a importância do Dia D dizendo que ele deve retomar a discussão pela Constituinte, conscientizar os professores a respeito da Lei Calmon — que prevê maiores subsídios à área — além de colocar os problemas internos da escola.

Na Aclimação, a representante dos estudantes secundaristas, Celma Oliveira, abriu os debates na EEPSP Caetano de Campos dizendo que o Dia D "não é o início, nem o fim, mas um marco de luta da juventude pelo direito de se organizar livremente nas escolas", referindo-se à participação dos estudantes nos grêmios estudantis.

Maria Aparecida Tamazzo Garcia, presidente do Conselho Estadual de Educação, disse que este é um capítulo da história da Educação "que deve ser escrito pelos educadores e estudantes e não pode ficar nas mãos de juristas, por mais proeminentes que sejam". Ela lembrou, também, a Constituição de 1934, "escrita por educadores e que já pensava no direito à educação dos sete aos 14 anos e também dos adultos".

Everardo Maciel, secretário-

geral do Ministério da Educação, disse: "A Educação brasileira debilitou-se, enfraqueceu-se e foi relegada a segundo plano nos últimos anos". E a única forma de repara-la é através da mobilização social. Maciel lembrou que no País há oito milhões de crianças fora da escola e no Nordeste apenas dez das cem que entram na escola conseguem concluí-la.

Paulo Renato Costa Souza, secretário estadual da Educação, último a falar, elogiou a iniciativa do ministério pelo Dia D da Educação, e ressaltou dois pontos principais para os debates: a melhoria da qualidade de ensino e o acesso à escola pública e gratuita para todos, em todos os níveis. Paulo Renato disse, por fim, que "devemos estar atentos e vigilantes para que essas propostas do Dia D estejam incluídas na nova Carta".

Questionado sobre a forma de análise e reunião de todo o material coletado em todo o País neste Dia D, Everardo Maciel explicou que "estamos na fase de prospecção e reconhecimento dos problemas que temos". É cedo, portanto, para dizer quem participará da redação de um documento final englobando todas as questões. "Isso vai ser determinado depois", concluiu.

### Debates mensais

Também presente à Caetano de Campos, Beatriz Pardi, diretora de imprensa da Apeoesp — Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado, contou que pela manhã participou das discussões pelo Dia D na EEPSP Alberto Levi, que possui 2.500 alunos. Ela é uma das professoras da escola.

— No início, sentimos certa timidez dos alunos em participar. Uma coisa até certo ponto normal, uma vez que o processo democrático não é mágico, é preciso ser aprendido.

Ao final da reunião, decidiu-se por uma programação de debates duas vezes por mês, até o final do ano: uma vez para a questão da Constituinte, outra para os debates dos problemas internos à escola.

## O novo protesto pela faculdade de Jundiaí

Os alunos acampam em frente ao palácio: querem que a escola seja uma fundação.

Mesmo sem suas barracas, apreendidas na terça-feira pelo policiamento do Palácio dos Bandeirantes, e apesar da fina garoça que caiu durante toda a madrugada e dia de ontem, cerca de 30 estudantes da Faculdade de Medicina de Jundiaí continuaram ontem "acampados" em uma área próxima à sede do governo. Embora tenham ontem reafirmado que só deixarão o local depois que for dada uma solução para o problema do fechamento da escola — querem que ela seja transformada em Fundação — o governador Franco Montoro deixou claro ontem que o Estado não tem condições de atender a essa reivindicação: "O assunto será examinado, mas é claro que não podemos assumir, na esfera estadual, uma nova faculdade de Medicina, com as dificuldades que estamos enfrentando de ordem orçamentária".

Hoje, uma comissão de alunos deverá ser recebida por Eduardo Muylaert, assessor especial do governador, e por Reynaldo Leme, coordenador para assuntos parla-

mentares da Secretaria de Governo. Mas ontem os alunos manifestaram seu descontentamento com "muitas conversas e nenhuma solução concreta".

A Faculdade de Medicina de Jundiaí era uma autarquia municipal e foi extinta em outubro de 1984, pelo prefeito André Benassi, de Jundiaí. Em dezembro, segundo os alunos, estudantes e professores "foram expulsos do hospital-escola, que foi transformado em Hospital Municipal". No entanto, apesar disso, segundo denúncias dos estudantes "a prefeitura continua se utilizando do convênio MEC/Inamps, e proibindo a entrada de alunos e professores no hospital".

Eles reclamam ainda que a faculdade está sem aulas há mais de um mês "por falta de condições de ensino" e, diante disso, os alunos correm o risco de perder esse ano letivo.

### Surpresa

No Palácio dos Bandeirantes, o secretário José Gregori, da Des-

centralização e Participação, manifestou sua surpresa com a decisão dos alunos, de permanecerem "acampados" em frente à sede do governo. Ele informou que estava aguardando uma comissão para combinar um encontro com um representante do Inamps, quando seria discutida a situação da faculdade e do próprio hospital universitário: "Quando eles invadiram a sede do PMDB, na semana passada, conversei com os alunos e expliquei que o governo do Estado nada podia fazer, já que a faculdade é municipal. Lembrou ainda que, na ocasião, comprometeu-se a marcar uma audiência no Ministério da Educação, com um representante de Marco Maciel: "E até arrumei duas passagens de avião, através da Secretaria de Governo. Mas para surpresa, os estudantes não foram, alegando terem perdido o horário do voo. Com muita paciência, sugeri um encontro entre eles e um representante do Inamps. E, para minha surpresa, fiquei sabendo que eles tinham decidido acampar em frente ao palácio".